

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANA PAULA RIBEIRO

**O ESTADO DA ARTE EM GÊNERO –
MULHER – EM EDUCAÇÃO NO ESTADO
DE SÃO PAULO.**



Rio Claro
2015

ANA PAULA RIBEIRO

O ESTADO DA ARTE EM GÊNERO – MULHER – EM EDUCAÇÃO NO
ESTADO DE SÃO PAULO.

Orientador: PROF^a DR.^a CÉLIA REGINA ROSSI.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de
Rio Claro, para obtenção do grau de licenciada em
Pedagogia.

Rio Claro
2015

301.412 Ribeiro, Ana Paula

R484e O estado da arte em gênero - mulher - em educação no estado de São Paulo / Ana Paula Ribeiro. - Rio Claro, 2015
50 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Célia Regina Rossi

1. Mulheres - Aspectos sociológicos. 2. Feminino. 3.
Sexualidade. 4. Identidade I. Título.

Dedico este trabalho aos meus pais, Maurina e Ariovaldo, pelo apoio e incentivo em minha graduação. Obrigada por todo amor, carinho e dedicação. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maurina Ribeiro e Ariovaldo Ribeiro, pelo apoio, amor, carinho e incentivo, sempre.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Célia Regina Rossi, pela orientação, auxílio e atenção para com a minha pesquisa. Obrigada por confiar em mim.

Aos meus professores de graduação, pelo apoio e contribuições para a minha formação.

À minha professora de Ensino Fundamental II, Sandra Neves, por todo carinho, ajuda e apoio em meus estudos.

À minha querida prima, Sanny Felix Ramos, por estar sempre presente em minha vida, me ajudando e me amparando.

A todos os meus familiares, presentes ou distantes, obrigada por acreditarem em mim, e pelas contribuições, de alguma forma.

À minha amiga, Maria Izabella Lourenço, pelo companheirismo e apoio mútuo nesses quatro anos de graduação.

A todos os meus amigos, que de alguma forma contribuíram para minha formação, com incentivos, ou uma palavra amiga.

A todos, o meu singelo agradecimento.

Uma mulher caminha pela rua.

- Ela vai sozinha, dizem.

Duas mulheres caminham pela rua.

- Elas vão sozinhas, dizem.

Três mulheres caminham pela rua.

- Vão sozinhas (...)

E assim, quatro, cinco, dez, vinte mulheres.

*Quantas mulheres serão necessárias para que
não se diga mais que “estão sozinhas”?*

(RIOS, 1995, p. 131)

RESUMO

A presente pesquisa buscou identificar através de um estudo teórico e bibliográfico a construção da identidade de gênero – mulher – a partir de uma perspectiva da educação. O trabalho apoiou-se de uma abordagem qualitativa, com base em leituras de cunho acadêmico, que trouxeram e problematizaram o tema mulher, gênero e suas sexualidades. Para isso, fez-se a análise e compreensão de resumos de 10 (dez) teses do doutorado e 10 (dez) dissertações de mestrado retiradas do “banco de teses” da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, nas quais foram defendidas nos últimos dez anos, no estado de São Paulo. Para tanto, após as averiguações das teses e dissertações, foi constatado a relação da educação para com o gênero feminino, assim como a construção dessa relação, quais são as complicações, implicações, e a importância da mulher na sociedade. Apesar dos avanços da inserção das mulheres na sociedade, ainda existem barreiras a serem ultrapassadas. Os estudos comprovam que apesar da crescente visibilidade do gênero feminino no mercado de trabalho, nas instituições escolares e em sua conquista na independência, casos de violência, baixo salário comparado aos homens, preconceito, misoginia e estereótipos, ainda estão vigentes atualmente. Quanto à educação, percebe-se que ainda há uma forte desvalorização para com a mulher, deixando-as de lado, minimizando o trabalho desenvolvido nas escolas, rebaixamento em conhecimentos acadêmicos da área de exatas e, ainda, uma forte luta para a conquista de direitos negados.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade. Mulher. Educação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O GÊNERO MULHER: DA ANTIGUIDADE A ESCOLARIZAÇÃO	10
3. METODOLOGIA E PROCEDIMENTO	15
4. O GÊNERO MULHER E AS ANÁLISES	18
4.1.: TESES E DISSERTAÇÕES REFERENTES AO GÊNERO MULHER E SUA IDENTIDADE	18
4.1.1. TESES: O GÊNERO MULHER E SUA IDENTIDADE	18
4.1.1.1. O prover, o trabalhar e o cuidar	18
4.1.1.2. Construindo as identidades de gênero no trabalho	20
4.1.1.3. Adolescência, maternidade e mercado de trabalho	21
4.1.1.4. A mulher, trabalho e gênero na polícia	22
4.1.1.5. Mulheres, gênero e migração	23
4.1.2. DISSERTAÇÕES: O GÊNERO MULHER E SUA IDENTIDADE	24
4.1.2.1. Gênero, saúde e mulher	24
4.1.2.2. Delegadas mulheres, profissão e gênero	25
4.1.2.3. Desemprego, emprego e mulheres	26
4.1.2.4. Sexualidade, maternidade e gênero	27
4.1.2.5. A revista feminina, o direito ao voto, ao trabalho e à instrução	29
4.2.: TESES E DISSERTAÇÕES REFERENTES AO GÊNERO MULHER E A EDUCAÇÃO	30
4.2.1. TESES: O GÊNERO MULHER E A EDUCAÇÃO	30
4.2.1.1. Educação, sexualidade e corpo feminino	30
4.2.1.2. Gênero, escola e mulheres	31
4.2.1.3. Mulher, vida acadêmica, trabalho e maternidade	32
4.2.1.4. Engenharia, Ciência da computação e as mulheres	33
4.2.1.5. Gênero, mulher e violência escolar	34
4.2.2. DISSERTAÇÕES: O GÊNERO MULHER E A EDUCAÇÃO	35
4.2.2.1. Gênero, identidade e EJA	35
4.2.2.2. Violência escolar e o comportamento feminino	36
4.2.2.3. Gênero, conflito e violência na escola	37
4.2.2.4. Mulher, qualidade de vida e docência	38
4.2.2.5. EJA, escolarização e palavras de mulheres	39
5. RESULTADOS E CONCLUSÕES	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXO A	48

1. INTRODUÇÃO

O interesse em estudar um tema envolvendo gênero, sexualidade, educação e mulher em uma mesma pesquisa surgiu após observar no dia a dia o cotidiano de algumas mulheres em sua família, na escola, no trabalho, e perceber as semelhanças que as envolviam.

Assim nasceu o estudo e o objetivo geral desse estudo, foi de contribuir para que estereótipos e preconceitos ligados à mulher sejam desconstruídos. O estudo também procurou compreender de que forma é tratado o gênero – mulher – na sociedade, principalmente na educação (sala de aula, diretoria, alunas, funcionárias, professoras, conteúdo escolar), por meio de pesquisas já realizadas. Assim ainda, buscou-se compreender através das pesquisas já realizadas de mestrado e doutorado em sexualidade e de relações de gênero, como são construídos estereótipos e preconceitos voltados à mulher, e entender a partir das análises e referenciais estudados, o processo de desmistificação de preconceitos ligados à mulher e sua sexualidade.

Para tal, o estudo contou com buscas por meio dos resumos de teses e dissertações, produzidos nos últimos 10 (dez) anos, que foram retirados do “banco de teses” da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Buscou-se compreender como essas pesquisas retrataram às relações de gênero no que tange a mulher, sua educação e sua construção de sexualidade, dentro do Estado de São Paulo.

Os anos vão passando e constantemente as mulheres se deparam com mais dificuldades e obstáculos a ultrapassar. O dia a dia de muitas ainda é voltado a cuidar da casa, dos filhos e estar sempre pronta e disposta para o seu parceiro, além do trabalho externo que muitas exercem, para além das atividades de casa e de mãe.

Atualmente algumas tarefas construídas pela sociedade como femininas foram se modificando, e as mulheres, além de esposas, mães de família, possuem uma profissão. Porém, funções como cuidar do lar e dos filhos ainda são subjugadas como sendo somente tarefas do sexo feminino.

Sua educação, ainda na maior parte das famílias, é direcionada para uma formação moral e formada para dar continuidade aos bons costumes da família e sociedade. Ela tinha – e ainda tem – as funções tituladas pela sociedade de governar a casa – limpar, cozinhar, cozer, cuidar dos filhos, cuidar do marido e estar sempre disposta.

Pela inserção ao ambiente educacional, muitas foram às lutas e quebraram barreiras e preconceitos, terminados os estudos, indo às universidades, para após seus estudos, atuarem no mercado de trabalho. O que antes era considerada atividade exclusivamente do sexo

masculino, atualmente as mulheres conseguem ter um ativo papel frente à educação, inserindo-se como alunas, funcionárias, docentes e gestoras. Contudo, apesar do crescente desenvolvimento nesse meio para com o gênero feminino, estereótipos e preconceitos ainda estão presentes, frequentemente, no âmbito das escolas e ainda o sexo feminino atua mais na educação infantil e educação fundamental I, ou seja, no primeiro ciclo, por pairar um discurso que a mulher não é competente para as ciências exatas, quando atingem o ensino fundamental II ou ensino médio, atuam na área de história, biologia, português, geografia e artes.

O conteúdo da presente pesquisa foi dividida de modo a compreender todo o estudo, que foi dividido em 6 (seis) capítulos – incluindo a introdução –. Dentre esses capítulos, procurou-se enfatizar as devidas intenções e características, ora uma breve passagem na história das mulheres, ora uma contextualização da metodologia e procedimentos, e as análises dos resumos de teses e dissertações, logo após seguir com os resultados obtidos, e, por fim, as considerações finais.

No primeiro capítulo, denominado como “O gênero mulher: da antiguidade a escolarização”, são relatados uma contextualização das conquistas das mulheres em todo o seu contexto histórico: quais foram às primeiras conquistas, os obstáculos a serem ultrapassados e inserção no ambiente escolar.

O capítulo “Metodologia e procedimento” apresenta o embasamento teórico que orientou a compreensão nas análises dos resumos teses e dissertações, bem como a metodologia utilizada na pesquisa. De maneira geral, o capítulo aborda quais foram os comportamentos tomados perante a realização da pesquisa, os procedimentos feitos para o levantamento dos dados, trajetória e considerações levantadas.

O capítulo “O gênero mulher e as análises” faz-se as discussões e análises dos resumos das teses e dissertações. Ao todo, estão configurados resumos de 10 (dez) teses e 10 (dez) dissertações, que foram retiradas do banco de teses da CAPES. Os estudos estão divididos seguindo a abordagem selecionada: resumos de teses e dissertações referentes ao tema mulher e sua identidade, e resumos de teses e dissertações referentes à mulher e a educação no Estado de São Paulo.

O capítulo “Resultados e conclusões” apresenta as discussões sobre os resultados após as análises dos resumos das teses e dissertações envolvendo o gênero – mulher – e sua sexualidade. O estudo apontou que apesar da crescente inserção das mulheres no campo profissional e educação, estereótipos e preconceitos ainda estão presentes em todo o contexto do estado de São Paulo.

Por fim, nas “Considerações finais” pontuaram-se os aprendizados, as conquistas e ainda as dificuldades que tais pesquisas apontam existentes no Estado de São Paulo.

2. O GÊNERO MULHER: DA ANTIGUIDADE A ESCOLARIZAÇÃO

O presente capítulo busca contextualizar, resumidamente, o tema gênero – mulher –, sua historicidade, e a inserção no processo de escolarização. Assim, ao voltarmos no tempo, por alguns séculos, veremos a história e luta das mulheres para conquistar o seu papel na sociedade.

Voltemos ao século XVII. Lá, as mulheres tinham o papel voltado à imagem de mãe, esposa e dona de casa. Sua função era fazer tudo aquilo que era pregado pela igreja, bem como o que era divulgado pelo Estado e pela imprensa. Até então elas não tinham e não conseguiam nenhum papel político, econômico, social e educacional na sociedade.

A partir do século XVIII, as escolas técnicas – que tinham como objetivo educar as mulheres –, aparecem. Entretanto, as mudanças não foram significativas, pois a função da escola era ensinar às mulheres a seguirem o caminho da religião, do cuidar, do cozinhar, do limpar, da saúde da família, cuidando do marido, da casa, dos filhos e nunca se levando aos prazeres da vida.

Nesse espaço de tempo até o século XIX, a educação era restrita a uma quantidade mínima de meninas e diferenciada dos meninos. Primeiro elas aprendiam a ler e escrever, e em seguida as quatro operações simples de matemática para, por fim, aprenderem disciplinas focadas no coser, bordar, limpar e cuidar. Portanto, a educação volta-se a cuidar da casa, do marido e do filho. Nota-se que até o presente momento as mulheres tinham uma formação voltada aos afazeres do lar, sem uma instrução profissionalizante.

As primeiras manifestações feministas começam a surgir no decorrer do século XIX no Brasil, nas quais desenvolvem as reivindicações quanto ao voto, à educação da mulher e a inserção dela no mercado de trabalho. Alves e Pitanguy¹ (1983, p. 74) destacam que o feminismo se constrói “[...] a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a História da Mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de recriação [...]”.

O movimento feminista em sua história teve quatro momentos de extrema importância, dados em 1830, 1870, 1920 e 1970 (DUARTE, 2003). O primeiro momento, em 1830, as mulheres levantaram a bandeira e lutaram para a conquista do direito ao aprendizado,

¹ Nesta pesquisa, adotou-se o uso de caixa alta para indicar autores estudados e citados pelo estudo nas análises dos resumos das teses e dissertações ou no uso de parênteses, e o uso de letras comuns para fazer referências aos autores, que foram citados pela pesquisadora ou pelos teóricos estudados no restante da pesquisa.

a leitura e a escrita, o que era até então destinado ao sexo masculino. Duarte (2003, p. 153) afirma que “[...] foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para a si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras [...]”.

A luta para a ampliação da educação feminina e o direito ao voto tomaram conta do movimento feminista na década de 1870. Até o momento, as mulheres não eram reconhecidas, portanto não se beneficiavam do ensino superior, do divórcio, trabalho remunerado e do direito ao voto (DUARTE, 2003).

Contudo, a década de 1920 foi considerada, particularmente, a mais importante para o movimento feminista. As mulheres buscavam reconhecimento, um estudo digno, um trabalho remunerado e a sua independência. Foi então que grupos e líderes feministas começaram a se destacar em jornais e imprensa.

Enfim, em 1970. Segundo Duarte (2003, p. 165), esse foi “[...] o momento da onda mais exuberante, a que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal [...]”.

As mulheres reivindicavam maior visibilidade, uma melhor condição de trabalho e uma melhor posição política. Temas como aborto, maternidade, dupla jornada, prostituição e mulheres na política começam a ser discutidos com frequência nos jornais e na imprensa do Brasil. E não esquecendo-se do fato, importantíssimo, ocorrido durante o movimento feminista: O dia 08 de março é declarado como Dia Internacional da Mulher, por iniciativa da ONU, e a partir daí passa a ser comemorado em todo o país (DUARTE, 2003).

Contudo, ao estudar a história das mulheres na Antiguidade, percebe-se que elas sempre estiveram em trabalho constante, pesado, e nunca foram reconhecidas ou valorizadas pela sociedade.

Na cultura romana, as mulheres exerciam diversas funções, porém todas de caráter feminino: costureira, lavadeiras, médicas e parteiras (MILES, 1989). Já o trabalho da mulher primitiva era duro, cansativo, exaustivo. Frequentemente as mesmas executavam tarefas julgadas de caráter masculino na época, além de cuidar da casa, da família, dos animais e do campo.

Alguns documentos históricos afirmam que as mulheres na época participaram das construções das pirâmides do Egito, como também outros trabalhos exaustivos: as “pedreiras de templo da Lídia”, “barqueiras dos canais da Birmânia”, e as “cavadoras de terra na China” (MILES, 1989).

Percebe-se que as mulheres nunca foram isentas de participar de trabalhos exaustivos e duros, desmitificando a lenda que afirmam que as mulheres são o sexo frágil e não suportam trabalho braçal. Mas nunca foram evidenciadas por esses trabalhos.

Com a evolução das sociedades ocidentais, foram divididas algumas tarefas dentro de casa entre a mulher e o seu parceiro. A função da mulher era cuidar da casa, da família e dos filhos, enquanto os homens executavam as demais tarefas fora de casa, consideradas como braçais. Porém mesmo dentro de casa a mulher acabava contribuindo para a vida social e econômica da sua família.

[...] homens e mulheres não só executavam tarefas diferentes, mas também ocupavam espaços diferentes. Mas o progresso material da família dependia tanto da esposa quanto do marido. A mulher trabalhava em todos os tipos de atividades, muitas delas extensões de suas funções domésticas, como o cuidado de animais domésticos ou a confecção de roupas. Enquanto o homem assumia primazia nos papéis públicos, a mulher prevalecia na esfera doméstica, mas esta tinha o maior peso na vida econômica e social da família. Apesar de limitada à esfera da família, a mulher exercia um poder que decorria da gerência da unidade doméstica. (BRUSCHINI, 1990, p. 33)

Atualmente, nota-se que muitas das conquistas das mulheres no movimento feminista não agregam valor para a sociedade atual em que vivemos. As mulheres conquistaram o direito ao voto, a inserção no mercado de trabalho, a construção da identidade. Porém, o sexo feminino ainda é considerado como frágil e dependente de um homem. Questões como o cuidado com as crianças, com a família e tarefas domésticas continuam sendo, na maioria das vezes, de responsabilidade feminina.

Em sua grande maioria, homens consideram que questões do casamento devem ser colocadas à mostra para a sociedade. Portanto, tarefas como domésticas e/ou a função de cuidar dos filhos pode não ser vistas como “másculas”.

Oliveira (2013, p. 141) afirma que:

[...] o casamento enquanto instituição que visa dar uma justificação à sociedade por um determinado comportamento sexual e amoroso, no qual, geralmente, a mulher assume a posição de submissa ao homem, poderia ser coerentemente substituído por um relacionamento mais maduro e responsável, sem a necessidade de justificativas à sociedade.

De acordo com o estudo feito pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2014), no último ano, mulheres com 16 anos ou mais, realizavam 88% das tarefas domésticas, enquanto apenas 46% são realizadas por homens. Portanto,

considerando a jornada de trabalho mais os afazeres domésticos, as mulheres possuem uma jornada semanal de 56,4 horas, 5 (cinco) horas a mais do que a carga horária masculina.

Mulheres confrontam-se com uma jornada tripla – ambiente profissional, trabalhos domésticos e cuidar dos filhos –, dado que seus parceiros não as ajudam com as atividades do lar. Constata-se que “ajudar” é um termo colocado pela subjugado pela sociedade, já que caracterizam que o parceiro não deve fazer os afazeres domésticos, mas sim ajudar – se for de sua vontade – a sua parceira, tornando-se assim uma atividade totalmente feminina.

Gomes (2000) afirma que constantemente o trabalho doméstico é realizado pelo sexo feminino, uma cultura histórica, já que muitas das mulheres realizam tais funções desde a infância, evidenciando o papel imposto pela sociedade:

[...] os papéis da mulher e da menina se encontram no trabalho doméstico, pois é uma forma de trabalho conduzida e reproduzida no ambiente privado, espaço socialmente destinado à figura feminina. Ou seja, para se compreender esse trabalho, necessariamente, tem-se que associar à história da mulher. Por isso, entende-se trabalho doméstico infanto-juvenil como uma questão de gênero (GOMES, 2000, p. 37).

Outro problema enfrentado pela sociedade feminina são os empecilhos impostos de seu sucesso profissional com a maternidade. Segundo Diniz (2002), as mulheres deixam o lado maternal para se profissionalizarem e construírem uma carreira profissional, colocando em primeiro plano sua ativa participação no mercado de trabalho, na busca de cursos de especialização e universidades.

De acordo com a pesquisa realizada pelo IBGE (2009), a Síntese de Indicadores Sociais mostra que a taxa de fecundidade, ou seja, a média de filhos foi reduzida durante as últimas décadas. E isso se relaciona com o nível de escolaridade das mães. Segundo a pesquisa, mulheres com menos de sete anos de estudo têm filhos mais cedo (entre 20 e 24 anos), 37% do total. Contudo, as mulheres que possuem mais de oito anos de estudo, as taxas de fecundidade são cerca de 25% do total.

Através da educação as mulheres construíram possibilidades de atuar fora das cercanias da casa, dos filhos e das imposições domésticas, progrediram, conquistaram muitas coisas das quais lutaram por décadas. Hahner (1981, p. 54) ressalta que “[...] com a educação, poderiam recuperar os direitos perdidos, criar seus filhos adequadamente, ter compreensão das finanças e dos negócios de suas famílias, e serem a companheira, e não a escrava do

marido [...]”. Com a inserção da mulher nas escolas – nos mesmos direitos de estudos dos homens –, as mudanças começaram a acontecer.

Atualmente muitas mulheres casam-se com uma idade mais avançada ou não se casam, podem assumir o comando da família, possuem uma maior expectativa de vida, decidem pela maternidade ou não, possuem estabilidade própria. Muitas mulheres não ficam restritas ao lar, aos deveres de casa. Elas podem comandar escolas, universidades, empresas e até mesmo o nosso país, como é o caso da presidente Dilma Rousseff. Mas há ainda mulheres em condições de violência, preconceito e ainda com jornadas triplas ou só atuando em casa, por determinação da família ou do companheiro.

Atualmente, com relação à educação e a mulher, nota-se que elas estão presentes em todos os níveis de escolaridade e, na maioria das vezes, estão em maior porcentagem comparada aos homens. Além disso, apresentam um maior desempenho escolar, tornando-se mais alfabetizadas e então, mais aptas a se inserirem em ambientes profissionais.

Pensar a educação sob uma visão de gênero, não só ao sexo feminino, permite produzir novos caminhos no processo reestruturação de conceitos sociais e culturas, trazendo a possibilidade de acabar, ou ao menos reduzir, pensamentos, ações e experiências preconceituosas – muitas vezes involuntariamente – da sociedade.

Portanto, questões de gênero para com a mulher devem ser discutidas e combatidas em nosso país, pois apesar de muitas conquistas das mulheres durante décadas, o preconceito, a desigualdade e mitos nos cercam até hoje.

Nesse contexto, a presente pesquisa irá abordar e argumentar temas que aparecem em pesquisas desses dez anos, relacionados com o gênero – mulher –, educação e sexualidade, confrontando resumos de teses e dissertações.

3. METODOLOGIA E PROCEDIMENTO

Nesta pesquisa pretende-se analisar estereótipos e preconceitos que a sociedade julga para com a mulher, e de que forma o gênero – mulher – é tratado dentro da educação e como podemos contribuir para que termos ligados à sexualidade feminina sejam desmitificados.

Foi utilizada a abordagem qualitativa, e o estudo foi compreendido por análise de resumos de teses e dissertações retiradas do “banco de teses” da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nas quais foram defendidas nos últimos dez anos no estado de São Paulo, estas quais compreendem a questão e problematização do gênero feminino, educação e sua sexualidade. Ao todo, foram feitas a análise de 20 (vinte) resumos, configurados em 10 (dez) teses e 10 (dez) dissertações.

A pesquisa qualitativa deve ser feita com muita atenção, de modo que a leitura requer muitos cuidados, primeiramente fazendo uma leitura rápida para conhecer o material a ser trabalhado, e em seguida uma leitura exploratória, identificando e destacando os pontos que de fato interessam para a pesquisa.

Durante o decorrer do estudo, os contributos vieram de alguns teóricos para a problematização do tema, tais como Bruschini (1990), Beauvoir (1967), Duarte (2003), Alves e Pitanguy (1983).

Embora seja esta uma pesquisa que pode trazer contribuições para a área da mulher e gênero, não se trata de um estado da arte, já que foram feitas análises apenas dos resumos de teses e dissertações, que tratam da temática no Estado de São Paulo. Pesquisas conhecidas como “estado da arte” já foram realizadas por pesquisadores (as), com muita experiência em pesquisa. Portanto, este estudo faz apontamentos preliminares.

A intenção é promover um estudo, com base em reflexões, buscando respostas para as questões elaboradas, e trazer discussões por meio do levantamento dos dados, enriquecendo a temática, contribuindo com mais uma produção na área.

Selecionada as teses e dissertações, buscou-se dividir as mesmas em dois diferentes grupos: um grupo sinalizando as mulheres e sua conquista na sociedade, e outro com a inserção das mulheres num contexto educacional. Tudo isso no período dos últimos 10 (dez) anos no estado de São Paulo.

Para tanto, o estudo dos resumos de teses e dissertações defendidas no período citado permite detectar mudanças, transições, permanências e contribuições no tema abordado pelas pesquisas, pois um período de 10 (dez) anos sofre interferências de pensamentos diferentes e

demonstra uma trajetória que pode implicar em transformações (abordagens, conteúdos, conceitos) que não devem ser desconsideradas por pesquisadores (as) que pretendem utilizar a categoria gênero – mulher – sob perspectiva da educação.

Organizados por teses e dissertações em dois diferentes grupos, apresento os títulos dos trabalhos estudados:

Teses que abordaram o tema gênero – mulher – e sua identidade:

- 1) FAVARO, Carla Sabrina. Entre o prover, o trabalhar e o cuidar: a participação das mulheres unidas no provimento doméstico e seus reflexos na organização familiar. 2013.
- 2) SILVEIRA, Nereida Salette Paulo. Mulheres Gerentes: Construindo as Identidades de Gênero no Trabalho. 2010.
- 3) OGIDO, Rosalina. Adolescência, maternidade e mercado de trabalho: uma relação em construção. 2011.
- 4) SOUZA, Marcos Santana. “Sou policial, mas sou mulher”: gênero e representações sociais na polícia militar de São Paulo. 2014.
- 5) ANGELIN, Paulo Eduardo. Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares. 2012.

Dissertações que abordaram o tema gênero – mulher – e sua identidade:

- 1) MODESTO, Ângela Esteves. Concepções de gênero em um centro de atendimento à saúde da mulher. 2013.
- 2) SILVEIRA, Maria Natália Barboza. As delegadas de polícia de São Paulo: profissão e gênero. 2009.
- 3) BRIGUGLIO, Bianca. De casa para o trabalho, do trabalho para casa: trajetórias de emprego e desemprego de mulheres na cidade de São Paulo. 2013.
- 4) OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista. Sexualidade, maternidade e gênero: experiências de socialização de mulheres jovens de estratos populares. 2007.
- 5) OLIVEIRA, Arlete dos Santos. Mulheres negras e Educadoras: de amas-de-leite a professoras. Um estudo sobre a construção de identidades de mulheres negras na cidade de São Paulo. 2009.

Teses que abordaram o tema gênero – mulher – e a educação:

- 1) NICOLINO, Aline da Silva. Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino: pesquisa-ação na educação com escolares. 2007.
- 2) ANDRADE, Maria Celeste de Moura. Escola e Gênero: produção de meninas e mulheres cidadãs?. 2010.
- 3) FABRRO, Márcia Regina Cangiani. Mulher e trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade. 2006.
- 4) SABOYA, Maria Clara Lopes. Alunas da Engenharia Elétrica e Ciência da Computação: estudar, inventar, resistir. 2009.
- 5) NEVES, Paulo Rogério da Conceição. Disposições de gênero e violências escolares: entre traições e outras estratégias socializadoras utilizadas por jovens alunas de uma instituição privada do município de São Paulo. 2013.

Dissertações que abordaram o tema gênero – mulher – e a educação:

- 1) LEONCY, Christiane Evelyn Teixeira. Mulheres na EJA: questões de identidade e gênero. 2013.
- 2) HERMINIO, Ana Beatriz. Violência escolar e a expectativa de comportamento feminino: percepções de professores/as e diretores/as presentes nos registros de cadernos de ocorrência. 2014.
- 3) NEVES, Paulo Rogério da Conceição. As meninas de agora estão piores que os meninos: gênero, conflito e violência na escola. 2008.
- 4) OLIVEIRA, Eva Susana Soares. Qualidade de vida das mulheres de carreira docente. 2012.
- 5) MANZATO, Carolina Rodrigues. Educação de jovens e adultos: palavras de mulheres a respeito do processo de escolarização. 2007.

No capítulo a seguir, apresentar-se-á uma compreensão dos resumos das teses e dissertações citadas acima, bem como uma breve análise de cada pesquisa, baseando-se nos descritos dos autores.

4. O GÊNERO MULHER E AS ANÁLISES

Foram analisados 20 (vinte) resumos, que estão configurados em 10 (dez) teses e 10 (dez) dissertações, dos quais foram retirados do “banco de teses” da CAPES. As teses e dissertações estão divididas de acordo com o tipo de abordagem, sendo: teses e dissertações que contextualizam o tema mulher e sua identidade, que abordam situações do dia a dia, o trabalho e a convivência com a sociedade; e teses e dissertações que tratam de situações relacionadas à mulher e a educação, ou seja, todo o contexto educacional que as envolvem. Neste capítulo, apresento as teses e dissertações, seus temas e as análises dos resumos.

4.1.: TESES E DISSERTAÇÕES REFERENTES AO GÊNERO MULHER E SUA IDENTIDADE

Neste subcapítulo constam as análises de 5 (cinco) teses e 5 (cinco) dissertações que exibem em todo o seu contexto uma abordagem relacionada ao gênero mulher e sua identidade, seja quanto ao trabalho, tal qual em seu dia a dia, em seu lar. Dividi o subcapítulo em dois pequenos grupos, um tratando das teses e o outro das dissertações, com a finalidade de facilitar a leitura e contribuir para o entendimento das análises.

4.1.1. TESES: O GÊNERO MULHER E SUA IDENTIDADE

4.1.1.1. O prover, o trabalhar e o cuidar

A tese “Entre o prover, o trabalhar e o cuidar: a participação das mulheres unidas no provimento doméstico e seus reflexos na organização familiar”, de Carla Sabrina Favaro (2013), trata justamente do que o título sugere, uma análise entre o prover, o trabalhar e o cuidar das mulheres., comparado aos homens.

O estudo foi dividido em duas partes: uma parte, quantitativa, onde FAVARO (2013) busca analisar através dos dados das PNADs de 2001 a 2009 no estado de São Paulo, e a outra parte, qualitativa, onde foram entrevistadas 42 mulheres unidas, das quais 9 (nove) não

provedoras, 14 (quatorze) provedoras complementares e 19 (dezenove) provedoras principais, todas elas entrevistadas em Campinas, interior do estado de São Paulo.

De maneira geral, o trabalho desenvolvido por FAVARO (2013) busca compreender e analisar de que forma são inseridas as mulheres no mercado de trabalho, se elas tornam-se provedoras complementares ou principais, se isso afeta os afazeres domésticos e qual a participação dos homens nesse quesito. Um dos pontos mais importantes no decorrer do resumo citado por FAVARO (2013) é mostrar que a participação feminina e a contribuição no mercado de trabalho são crescentes na última década no estado de São Paulo. Porém, a ativa participação no trabalho afeta parcialmente ou totalmente o provimento doméstico.

Através da análise dos dados desenvolvidos na pesquisa e de seus resultados, FAVARO (2013) aponta que na maioria dos casos, homens são provedores principais dentro de suas casas, enquanto as mulheres são provedoras complementares. Contudo mesmo com a participação no provimento doméstico, a jornada doméstica das mulheres não diminui. FAVARO (2013) salienta que:

[...] a participação no provimento doméstico não diminui a jornada doméstica de trabalho feminino, fazendo com que as mulheres provedoras ainda tenham muita dificuldade em articular o trabalho remunerado com os afazeres domésticos. Contudo, o mesmo não acontece para os homens. Entre as mulheres que são provedoras principais há um agravante extra, por mais que participar do mercado de trabalho seja importante para que elas adquiram independência quanto à administração do seu dinheiro, a sobrecarga de trabalho ainda é muito grande (FAVARO, 2013, p.13).

Segundo FAVARO (2013), para a maioria das mulheres, o trabalho doméstico não é obrigação do homem, já que são provedores principais da casa. Portanto, muitas delas veem de forma negativa a participação total ou parcial no provimento doméstico da família, pois essa situação faz com que muitos homens (e mulheres) assimilem que não precisam contribuir no prover da casa ou nos trabalhos domésticos.

Diante da leitura e análise do resumo, a autora tenta relacionar em toda a sua tese dados e sua compreensão para com o mercado de trabalho, a mulher como provedora e o serviço doméstico. Para finalizar, ela indica, mesmo que implícito, que ainda há uma discrepância enorme em comparação aos serviços domésticos realizados pelas mulheres e homens, e que essa característica não se altera mesmo com as mulheres provedoras complementares ou principais da casa. Ou seja, a carga de trabalho aumenta dentro e fora do ambiente doméstico.

4.1.1.2. Construindo as identidades de gênero no trabalho

A segunda tese analisada, “Mulheres Gerentes: Construindo as Identidades de Gênero no Trabalho”, de autoria de Nereida Salette Paulo da Silveira (2010), traz a análise da construção das identidades de gênero das mulheres dentro do contexto do trabalho, mas especificamente no setor gerencial.

De acordo com os estudos feitos por SILVEIRA (2010), as mulheres estão alcançando níveis cada vez mais altos quanto à profissão, como o caso da gerência. Porém, ao citar o processo de identidades de gênero nota-se que ainda é muito pouco falado e colocado em prática no meio profissional.

Continuando com os estudos, SILVEIRA (2010) ainda afirma que, através de alguns dados levantados, foi constatado que as mulheres acabam de masculinizando em seu ambiente profissional, no caso dos níveis mais altos de hierarquia, pois na maioria dos casos os cargos são ocupados pelo sexo masculino, fazendo com que as mulheres busquem melhorias se baseando nesse sexo. Porém, outros estudos concluíram, segundo SILVEIRA (2010), que a inserção das mulheres em cargos como os de gerente, diminuem os estereótipos colocados pela sociedade, tal qual como as relações de gênero, reduzindo preconceitos para com a sexualidade.

A pesquisa de SILVEIRA (2010) baseou seus estudos utilizando-se da forma quantitativa, onde são entrevistadas 13 (treze) mulheres na função gerencial de empresas de pequeno e grande porte no estado de São Paulo, como também qualitativa, usando como pesquisa dados retirados do referencial teórico do interacionismo simbólico estrutural (Grounded Theory).

SILVEIRA (2010) traz a utilização da maternidade como um dos elementos principais para formação de identidades de gênero feminino. Segundo a autora acima, os dados:

[...] possibilitou a proposição de um modelo que traz a necessidade de lidar com as concepções e experiências em torno da maternidade como elemento central na construção de múltiplas identidades de gênero. Esse processo, intermediado pela contínua e dinâmica autoavaliação de autoeficácia no desempenho das identidades de papel, fornece condições para a reconfiguração de significados e identidade (SILVEIRA, 2010, p.12).

Através da leitura do resumo da presente tese, não retirou-se muitos dados referentes ao resultado de sua pesquisa, porém foram feitas várias citações durante o resumo quanto aos estudos feitos por ela durante a pesquisa. Segundo a autora (2010), os estudos analisados por

ela mesma estão em conflito, alguns indicam o processo masculino nos altos níveis de gerência, porém outros afirmam que a feminilidade está presente quando mulheres ocupam devido cargo.

Quanto à maternidade, entende-se que esta não deve ser vista como um empecilho para as mulheres se inserirem ao mercado de trabalho, valorizando a relação de família com o trabalho, já que a paternidade não é vista como um “inimigo” na profissão.

4.1.1.3. Adolescência, maternidade e mercado de trabalho

A tese feita por Rosalina Ogido (2011), com o título de “Adolescência, maternidade e mercado de trabalho: uma relação em construção” trata da situação de adolescentes entre 15 e 18 anos, estudantes, em uma situação financeira desfavorável, que estavam entrando para o mercado de trabalho, mas acabaram engravidando. O resumo da tese foi dividido em 5 (cinco) partes: introdução, objetivos, método, resultados e considerações finais.

A pesquisa feita por OGIDO (2011) aconteceu no Centro de Orientação ao Adolescente em Campinas (COMEC), um programa que visa auxiliar adolescentes entre 15 e 18 anos, que mantêm uma situação financeira precária, estudam e que residem em Campinas e região, para serem inseridos ao mercado de trabalho.

Durante o acompanhamento de OGIDO (2011) neste centro, algumas adolescentes acabaram engravidando, no período de 2003 a 2008, dando a oportunidade para a pesquisa. O objetivo da autora acima foi compreender a vida dessas adolescentes antes e depois da maternidade, se entraram no mercado de trabalho e como elas cresceram profissionalmente,

Para a pesquisa, OGIDO (2011) utilizou do método quantitativo, entrevistando 8 (oito) adolescentes que tornaram-se mães no período de 2003 a 2008, de um total de 17 (dezessete). OGIDO (2011) analisou o banco de dados do centro no período de 1992 a 2009, para construir o perfil dos adolescentes que passaram pelo projeto. Por fim, utilizou-se da análise qualitativa após os resultados das entrevistas.

OGIDO (2011) observou alguns dados, e apontou que de todas as meninas que engravidaram a maioria delas ou interromperam a escola e o trabalho, ou os mesmos foram afetados, por conta da maternidade. Todas alegaram também que sempre conheceram os métodos contraceptivos, tal quais as doenças sexualmente transmissíveis, porém afirmam que a gravidez não era planejada.

Quanto ao mercado de trabalho, ao se inserirem, depararam-se com dificuldades, como a baixa do salário, a falta de experiência na área, e os filhos, pois se não as mães, quem irá cuidar? Apesar da falta de liberdade após terem sido mães, assim como a falta de estudos, dificuldade em se inserir no mercado de trabalho, e dependência financeira, todas as adolescentes demonstraram, segundo OGIDO (2011), muito amor pelos filhos.

OGIDO (2011) aborda a necessidade de uma melhoria quanto às relações de gênero. Ela constatou uma:

[...] necessidade de políticas públicas para a inserção do jovem no mercado de trabalho, para o atendimento de saúde reprodutiva de adolescentes e para serviços de apoio, como creches para filhos de mães trabalhadoras. Demonstra-se a necessidade de uma mudança nas relações de gênero, com maior igualdade de direitos, como pré-condição necessária à inserção da mulher no mercado de trabalho, em especial, daquelas de que são mães (OGIDO, 2011, p.8).

Por fim, OGIDO (2011) afirma que a maternidade não exclui as adolescentes do mercado de trabalho, nem das escolas, contudo existem implicâncias envolvidas e é necessário um apoio, tanto familiar, quanto das escolas e do vínculo profissional em que estão sendo inseridas, afirmando assim os estereótipos, preconceitos e falta de oportunidades que as mulheres ainda sofrem atualmente.

4.1.1.4. A mulher, trabalho e gênero na polícia

A tese escrita por Marcos Santana de Souza (2014), com o título de “Sou policial, mas sou mulher”: gênero e representações sociais na polícia militar de São Paulo” analisa como é o dia a dia das mulheres policiais no estado de São Paulo, quais são os preconceitos, estereótipos e situações vividas em seus cotidianos.

A intenção da pesquisa, segundo SOUZA (2014) é de refletir qual a função da mulher em cargos considerados masculinos, como ela é inserida nesse meio e quais são as implicações. Para isso, foram feitas análises quantitativas bem como qualitativas. Elas se deram por meio de entrevistas na Polícia Militar de São Paulo, onde 44 (quarenta e quatro) policiais, entre homens e mulheres se submeteram a tal questionário. Em seguida, foram feitos estudos sobre como o trabalho policial feminino foi inserido, como se deu esse processo, e quais foram as importâncias.

De acordo com estudos, SOUZA (2014) afirma que nas últimas décadas a inclusão da mulher no exercício da polícia aumentou, porém em comparação ao sexo masculino, os cargos femininos ainda são escassos, cerca de 10% do total, sendo que na maioria deles a função ocupada pelas mulheres é no setor administrativo, com a justificativa de que o trabalho braçal feminino poderia atrapalhar a ação dos policiais na prática, assim como o trabalho administrativo possui peculiaridades mais próximas ao sexo feminino.

SOUZA (2014) ainda relata que apesar dos valores da Polícia Militar de São Paulo serem “força” e “lealdade”, a instituição agrega características positivas masculinas e femininas. Segundo SOUZA (2014):

[...] a instituição busca desenvolver processos de regulação interna que definem formas privilegiadas de ser homem e mulher. Se por um lado a imagem feminina na PM é constantemente utilizada para sinalizar o caráter moderno e democrático da corporação, por outro lado tende-se de forma ampla a reconhecer o emprego de policiais femininos em algumas atividades como ameaça de descaracterização do trabalho policial, não apenas em virtude da suposta menor capacidade física das mulheres para enfrentar os desafios do trabalho das ruas, mas da sua inclinação “natural” para a maior comunicação (SOUZA, 2014, p.7).

De forma geral, a pesquisa conclui que as mulheres possuem sim mais cargos na Polícia Militar de São Paulo, porém ainda são subjugadas como o sexo frágil, e conforme SOUZA (2014), as mesmas acabam atrapalhando determinadas ações que os policiais militares do sexo masculino normalmente fazem, assim como a revelação de segredos e artimanhas da instituição policial.

4.1.1.5. Mulheres, gênero e migração

A tese “Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares”, de Paulo Eduardo Angelin (2012) aborda o fluxo migratório de mulheres nordestinas e paranaenses, questionando o desenvolvimento das mesmas após a chegada ao interior de São Paulo, como se incluíram na sociedade e quais foram às dificuldades.

Para estudo da pesquisa, ANGELIN (2012) utiliza alguns autores que discorrem sobre a história da migração e como se dá esse processo, internamente ou externa. Para complementar, ANGELIN (2012) busca outros autores que tem como finalidade entender como acontece o processo migratório feminino, quais são suas histórias e mobilizações. Até o

presente momento, entende-se que ANGELIN (2012) faz um estudo qualitativo para aprofundar o assunto imigração e suas mulheres, sem partir do gênero e sua sexualidade.

Complementando as suas pesquisas, ANGELIN (2012) busca alguns teóricos que abordam sobre o tema da mulher e sua sexualidade, o que inclui a inserção do sexo feminino no mercado de trabalho, estereótipos e a submissão para com o homem.

Como abordagem quantitativa, o autor acima na tese, entrevista 33 mulheres que tiveram o processo de migração para São Carlos, interior de São Paulo. Essas mulheres responderam a um roteiro de entrevista, semiestruturado, do qual foram retirados dados para a conclusão da pesquisa.

Diante dos dados, ANGELIN (2012) afirma que existem diferenças quanto aos papéis sociais e de mulheres migrantes e não migrantes. Ele conclui que:

[...] as mulheres migrantes em questão, de acordo com o contexto sociocultural e familiar, desempenham papéis sociais diferentes. A família e os arranjos familiares influenciam decisivamente no desempenho desses papéis sociais. Mas, outros fatores, como a origem, a cultura regional, a condição climática, a condição socioeconômica, podem influenciar nessas representações, ao ponto das mulheres provenientes de um mesmo arranjo familiar, atuarem de modos diferentes na sociedade em geral e no processo migratório (ANGELIN, 2012, p.6).

Após a análise do resumo, conclui-se que situações incluindo gênero e sua sexualidade para com o sexo feminino, estão presentes sempre. ANGELIN (2012), afirma que a família, seja o marido, como os pais ou os filhos, afetam diretamente na vida pessoal das migrantes, nota-se os estereótipos envolvidos em todas estas situações. O papel social da migrante, da mulher, depende do homem, de sua cultura e de suas origens.

4.1.2. DISSERTAÇÕES: O GÊNERO MULHER E SUA IDENTIDADE

4.1.2.1. Gênero, saúde e mulher

A dissertação “Concepções de gênero em um centro de atendimento à saúde da mulher”, de Ângela Esteves Modesto (2013), teve como objetivo identificar e analisar situações envolvendo gênero e a mulher no centro de saúde Casa Ser, localizado na cidade de São Paulo.

Diante das observações, MODESTO (2013) declara que a Casa Ser trabalha na maioria das vezes com mulheres, e que poucas foram às atuações dos homens nesse estudo, portanto raramente foram citados, já que a intenção era focar na importância de se trabalhar o gênero, principalmente referindo-se as mulheres.

Ainda sobre a importância do gênero, MODESTO (2013) afirma que o centro de saúde considera de extrema importância trabalhar discussões sobre o assunto, sendo assim, eles desenvolvem atividades onde as pacientes abordam assuntos sobre o tema, discutem, argumentam e tiram dúvidas. MODESTO (2013) cita que conversas e estudos sobre gênero podem sim diminuir com estereótipos, reduzindo desigualdades para com a mulher ainda vistas atualmente.

Para coleta e análise de dados foram feitas observações no centro de saúde, entrevistas e análise de documentos. Como abordagem qualitativa, MODESTO (2013) utilizou obras de Judith Butler e Joan Scott, trazendo o conceito de gênero na cultura e história.

Como resultado dos dados, MODESTO (2013) conclui que a Casa Ser dá muita importância à mulher, incentivando-as a exercer o seu próprio papel social, argumentando estereótipos e preconceitos colocados pela sociedade. Porém, ao observar o comportamento dos médicos, a maioria deles ainda salienta o controle que o homem tem pelo corpo da mulher, dando como justificativa a cultura e toda a historicidade.

Para finalizar, a questão do centro de saúde considera fundamental a questão a cerca da mulher e o gênero, MOSDESTO (2013) cita que “[...] a Casa Ser oferece um ambiente de confiança mútua entre usuárias e funcionárias e estas enfatizam o importante papel que a instituição teve na formação e legitimação de suas ideias a cerca do gênero [...]” (2012, p.7).

Diante da análise do resumo, percebe-se que MODESTO (2013) declara várias vezes a importância que o centro de saúde dá as mulheres. Apesar de alguns médicos ainda considerarem o valor do corpo da mulher, assim como o comando que o homem ter por ele, a instituição, ao mesmo tempo, desmitifica preconceitos e elimina estereótipos, o que é um avanço, acreditando assim que desigualdades colocadas pela sociedade serão diminuídas.

4.1.2.2. Delegadas mulheres, profissão e gênero

A dissertação de Maria Natália Barboza da Silveira (2009), com título de “As delegadas de polícia de São Paulo: profissão e gênero” traz a questão de identidade de gênero

nas delegacias de São Paulo, onde as mulheres assumem o posto de delegadas, profissão titulada para sociedade como masculina.

Para o estudo, SILVEIRA (2009) faz observações na Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), bem como análise de dados estatísticos sobre a profissão e a inserção das mulheres nesse meio. A pesquisa foi realizada no período de 2007 a 2009, na cidade de São Paulo, onde foram realizadas entrevistas, sendo 9 (nove) com delegadas e 3 (três) com delegados. A pesquisa foi feita nos Distritos Policiais e nas Delegacias de Defesa da Mulher.

Entendeu-se que as entrevistas foram feitas tanto com mulheres assim como homens, para compreender a visão de cada gênero para com a profissão e o posto das mulheres em tal cargo.

De acordo com SILVEIRA (2009), constatou-se que as Delegacias de Defesa da Mulher deram mais oportunidades para a inserção das mulheres em tal cargo, fazendo com que acontecesse um aumento notável do gênero em funções como esta, como também em instituições policiais. Porém, como a inclusão das mulheres neste campo acontecesse na maioria das vezes nas DDM's, muitas delas afirmam que a Delegacia acaba as confinando, minimizando a chance de um avanço na carreira:

[...] constatou que, se por um lado, a inauguração das DDM's canalizou mais mulheres para trabalharem nesses órgãos, por outro, contribuiu para um "aprisionamento" da trajetória profissional delas. Isso porque, para muitas delegadas, o trabalho em uma DDM é considerado um "atravancamento" para a carreira (SILVEIRA, 2009, p.6).

SILVEIRA (2009) analisou através do recolhimento dos dados, como foram as posturas das mulheres como delegadas, assim como a atuação no interior da delegacia. Com tais dados foram identificados funções sociais, como elas se portaram e quais foram às situações que envolveram gênero e sua sexualidade.

Assim como a tese citada anteriormente, de SOUZA (2014), foram analisadas situações de gênero e a mulher no contexto policial, e notou-se que as mulheres estão gradativamente ocupando cargos que antes eram considerados do sexo masculino, entretanto ainda existem estereótipos inseridos pela sociedade no sistema, fazendo com que as mulheres sofram com questões como desigualdade e preconceito.

4.1.2.3. Desemprego, emprego e mulheres

A dissertação “De casa para o trabalho, do trabalho para casa: trajetórias de emprego e desemprego de mulheres na cidade de São Paulo”, de Bianca Briguglio (2013), faz uma comparação entre homens e mulheres na questão de gênero, estereótipos, preconceitos e desigualdades encaradas pela mulher.

A pesquisa faz a análise de cursistas que concluíram o curso de Confeitaria no ano de 2011, na cidade de São Paulo, entre homens e mulheres. Como observação, de acordo com BRIGUGLIO (2013), são vistas questões como a família, a profissão dos cursistas e sua educação, tendo como base as relações de gênero, como foco principal a mulher.

Usando como método qualitativo, BRIGUGLIO (2013) faz referência de Daniele Kergoat e Helena Hirata, que fazem análise de relações e sua sexualidade, e Norbert Elias, com a análise de “configuração”. Como tema teórico, a presente pesquisa faz um estudo sobre o trabalho informal e precário, assim como a qualificação profissional de homens e mulheres, comparando-os com as suas classes sociais.

Por meio dos dados retirados de sua pesquisa, BRIGUGLIO (2013) conclui que comparando mulheres aos homens, com o mesmo curso concluído, classes sociais parecidas, qualificação, bem como os estudos, ainda assim as mulheres sofrem desigualdades, opressões e estereótipos. Ele afirma que:

[...] Apesar da condição de classe social aproximar homens e mulheres que vivenciam a realidade do trabalho precário, informal, instável e a marginalidade em relação aos direitos sociais e garantias trabalhistas, as mulheres experimentam outras formas de opressão e exclusão no mundo do trabalho [...] (BRIGUGLIO, 2013, p.XVII).

BRIGUGLIO (2013) declara que as opressões enfrentadas pelas mulheres, como também as desigualdades de gênero, só podem ser compreendidas com uma análise do que seria o gênero, envolvendo o trabalho, a família e a educação.

Portanto, vale argumentar do motivo que levam as mulheres serem estereotipadas, julgadas e classificadas como frágeis em determinados cargos ou funções, sendo que ao compararem-se os dados, elas ocupam a mesma classe social, renda, disputam os mesmos cursos profissionais e possuem a mesma capacidade lógica e moral de terem os mesmos direitos que os homens.

4.1.2.4. Sexualidade, maternidade e gênero

A dissertação de Elisabete Regina Baptista de Oliveira (2007), com o título de “Sexualidade, maternidade e gênero: experiências de socialização de mulheres jovens de estratos populares” busca analisar, através de observações e coleta de dados, a vida social de mulheres de estratos populares, como as relações sexuais, afetivas e de reprodução, tendo como base as relações de gênero.

Para a observação, após a coleta de dados, OLIVEIRA (2007) focou em dois seguintes pontos: Foram 6 (jovens) entrevistadas, dentre essas 6 (seis), 4 (quatro) estavam grávidas ou tiveram esse processo de gravidez na adolescência. Diante de tais fatos, a autora da dissertação procurou entender, num primeiro momento, quais eram as informações que essas jovens tinham sobre sexualidade, as prevenções quanto à gravidez, histórias, preocupações. Após ter levantado esses dados, OLIVEIRA (2007) buscou compreender quais informações são relevantes para essas jovens, ou seja, quais elas consideram como mais importante para sua sexualidade e/ou gravidez.

Como metodologia, foram feitas entrevistas semiestruturadas, com jovens de 16 a 20 anos, em São Paulo, na Casa Ser – Centro de Atenção à Saúde Sexual e Reprodutiva Maria Auxiliadora Lara Barcelos, centro no qual foi citado anteriormente na dissertação de MODESTO (2013). Uma informação válida é que a Casa Ser preza a valorização das relações de gênero, incentivando suas pacientes a se imporem em suas vidas sociais. Já como método qualitativo, a teoria de sua pesquisa é baseada no conceito de gênero de Joan Scott, bem como no conceito de socialização de Peter Berger e Thomas Luckmann.

O período de entrevistas foi de até 1 (um) ano, sendo assim, OLIVEIRA (2007) conseguiu acompanhar a rotina dessas jovens por um longo período, bem como a gravidez, a maternidade, a inserção no mercado de trabalho, a educação, as dificuldades enfrentadas e o que sonhavam para o futuro.

Através dos dados e resultados obtidos, OLIVEIRA (2007) afirma que as jovens consideram todos os métodos sobre sexualidade e seus conhecimentos para com o tema de extrema importância para suas vidas. Constata-se também que as jovens buscam sempre informações sobre gênero e sua sexualidade, porém seguem o modelo colocado pela sociedade, e confiam nas informações e discursos passados pela família, ou por algum centro social.

Apesar de engravidarem, as jovens se interessam e procuram saber sobre a sexualidade e métodos contraceptivos, como também sobre o seu gênero e implicações envolvidas. Porém, as informações estão voltadas apenas nos discursos dados pelas mídias e famílias, que na

maioria das vezes são preconceituosos e acabam colocando estereótipos e desenvolvendo desigualdades mesmo que implicitamente.

4.1.2.5. A revista feminina, o direito ao voto, ao trabalho e à instrução

A dissertação “Mulheres negras e Educadoras: de amas-de-leite a professoras. Um estudo sobre a construção de identidades de mulheres negras na cidade de São Paulo” de Arlete dos Santos Oliveira (2009) tem como objetivo mostrar como as mulheres negras, professoras, se posicionam na vida social atualmente, observando os obstáculos percorridos, a luta, assim como a discriminação.

Apesar de tratar-se de uma dissertação de mestrado com o tema relacionado à educação, decidiu-se por colocar a seguinte pesquisa neste subcapítulo, por focar na identidade de gênero das mulheres negras, e não a relação da mulher para com a educação.

Como metodologia, OLIVEIRA (2009) entrevistou 4 (quatro) mulheres negras, professoras, de uma rede de ensino no município de São Paulo. O objetivo da pesquisa foi de compreender a história de vida dessas mulheres. Para isso, as entrevistadas discorreram sobre suas histórias e memórias, focando nas dificuldades enfrentadas e quais são as mudanças vistas até o presente momento.

Após as observações dos dados, OLIVEIRA (2009) declara que foi conquistado com o tempo o fato de essas mulheres estarem atuando profissionalmente como professoras, e teve um apoio enorme de suas famílias. A autora afirma que “[...] As famílias acreditaram na escola como um meio de obtenção da desejada ascensão social e estabeleceram novas estratégias para que suas filhas se formassem no magistério, profissão considerada de maior prestígio social [...]” (OLIVEIRA, 2009, p.9).

Assim como outras mulheres, as mulheres negras sempre estiveram restritas a papéis exclusivamente do lar. Funções como cuidar da casa, do marido e do filho eram primordiais e, infelizmente, em muitos lugares ainda são. OLIVEIRA (2009) cita que os papéis dessas professoras eram limitados aos afazeres domésticos. Portanto a inserção no magistério foi um passo de grande valor para todas.

Para OLIVEIRA (2009) a ida ao magistério, assim como a inclusão no mercado de trabalho como educadoras criaram uma identidade social a elas, criando-se assim novas percepções de um futuro, de um trabalho e uma vida digna.

4.2.: TESES E DISSERTAÇÕES REFERENTES AO GÊNERO MULHER E A EDUCAÇÃO

O presente subcapítulo constam as observações de 5 (cinco) teses e 5 (cinco) dissertações que descrevem em todo o seu resumo uma metodologia relacionada ao gênero mulher e sua educação, ora como aluna, ora como professora. O subcapítulo está dividido em 2 (dois), nomeados como teses e dissertações do devido tema.

4.2.1. TESES: O GÊNERO MULHER E A EDUCAÇÃO

4.2.1.1. Educação, sexualidade e corpo feminino

A tese de Aline da Silva Nicolino (2007), nomeada como “Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino: pesquisa-ação na educação com escolares”, tem como objetivo analisar os comportamentos das alunas quanto ao seu corpo e o que as preocupam, relacionando a sua sexualidade com sua vida social e escolar.

Em sua pesquisa NICOLINO (2007) aborda o método qualitativo, usando como base o referencial de Paulo Freire. Para o recolhimento dos dados, a autora observou e entrevistou 26 (vinte e seis) alunas de uma escola Estadual, na cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, com idades entre 14 e 17 anos. A autora utiliza como método de entrevista uma oficina pedagógica, para que as alunas pudessem discursar sobre o tema citado com naturalidade.

Nota-se que uma das preocupações de NICOLINO (2007) para com as adolescentes seria quanto à valorização do corpo baseado imagem colocada pela mídia e pela sociedade. NICOLINO (2007) afirma que:

[...] A imagem corporal tem sido muito valorizada na sociedade e nos meios de comunicação em geral, repercutindo de forma considerável na vida das pessoas, principalmente das mulheres [...] observa-se que, em questão de gênero, na maioria das vezes, o contingente feminino sofre maior pressão no que tange à valorização corporal, conseqüentemente, tendendo a dar maior atenção ao seu corpo (NICOLINO, 2007, p.6).

Portanto, para obtenção de dados à sua pesquisa, NICOLINO (2007) busca compreender os ambientes e sociedades em que as alunas convivem, como a família, escola,

professores e colegas de classe. Como objetivo, buscam-se entender de quais formas esses quesitos afetam diretamente ou indiretamente a imagem corporal das meninas, e como essas questões podem transformar a vida social das mesmas.

Com base nos dados recolhidos, NICOLINO (2007) alega que a valorização do corpo é de fato muito significativa para as alunas. Elas atestam que um bom físico é de extrema importância para se inserirem na sociedade. Outra informação levantada por NICOLINO (2007) é a pretensão das adolescentes em tornarem-se mães jovens, o que indica a forte presença de uma família conservadora, onde as mulheres se dedicam ao lar, não almejam um crescimento, um estudo, uma profissão.

As meninas entrevistadas relatam que sonham encontrar o homem ideal, se casar, ter filhos, assim como o assunto da virgindade ser polêmico, apontando mais uma vez a forte influência da sociedade e o modelo “ideal” de mulher.

Enfim, NICOLINO (2007) afirma que questões de gênero e sua identidade, como também a desvalorização o sexo feminino estão presentes no ambiente escolar, e que essas questões acabam influenciando fortemente nas decisões tomadas por essas adolescentes em um futuro próximo.

4.2.1.2. Gênero, escola e mulheres

A tese “Escola e Gênero: produção de meninas e mulheres cidadãs?”, de Maria Celeste de Moura Andrade (2010) busca compreender a História das Mulheres tendo como eixo o ambiente escolar em que elas se inserem. Para isso, ANDRADE (2010) observa as interfaces de gênero e sexualidade das escolas para com o sexo feminino.

Como metodologia, ANDRADE (2010) utiliza a concepção de Michel Foucault, que faz uma comparação entre o conhecimento e poder nas ferramentas dos Estudos Culturais. Como dito no parágrafo anterior, são estudados as pesquisas referentes às Histórias das Mulheres, citando autores como Michele Perrot, Georges Duby, Peter Gay e Mary Del Priore. Para investigação, ANDRADE (2010) faz observações em escolas públicas na cidade de São Paulo, entrevistando jovens meninas entre 8 e 14 anos – informações retiradas do decorrer da tese –, a fim de compreender a identidade de gênero dentro daquele ambiente, bem como as formas de violências presenciadas pelas garotas.

O objetivo da pesquisa é compreender as questões de gênero e sexualidade nas escolas, principalmente ao sexo feminino, e se o poder da historicidade está presente. Desse

modo, ANDRADE (2010) verifica resultados referentes à construção de identidade das meninas entorno das instituições, e como as crianças respondem as essas questões, quem fala por elas.

Após as observações e resultados, ANDRADE (2010) conclui que os fatos históricos estão fortemente presentes no ambiente em que essas meninas estão inseridas. Acontecimentos envolvendo violência, como na forma em que as mulheres devem se portar perante as pessoas – de acordo com os modelos configurados pela sociedade – aparecem constantemente.

Porém a autora acima ressalta que dados como esses podem ser modificados como transformados. ANDRADE (2010) aborda que perspectivas de novas identidades de gênero às mulheres devem ser problematizadas nas escolas, a historicidade desmitificada, do mesmo modo que situações envolvendo orientação sexual precisam ser compreendidas e conversadas na instituição.

ANDRADE (2010) aprofundou-se em contextos referentes às histórias das mulheres, comparando-as com acontecimentos da atualidade. Percebe-se que preconceitos e estereótipos colocados pela própria história, assim como pela sociedade e pela mídia, estão presentes, mesmo que involuntariamente. Entretanto acredita-se que uma reestruturação nas escolas abordando o tema analisado, pode melhorar as visões preconceituosas, bem como desmitificar assuntos envolvendo o gênero e a sexualidade do sexo feminino.

4.2.1.3. Mulher, vida acadêmica, trabalho e maternidade

A tese de Márcia Regina Cangiani Fabbro (2006), intitulada como “Mulher e trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade” busca analisar a vida de mulheres professoras universitárias e mães.

O objetivo da pesquisa, segundo FABRRO (2006), é compreender como essas mulheres convivem com o papel de mãe, professora universitária e ainda constroem a sua identidade. Para isso, foram entrevistadas 5 (cinco) professoras de uma universidade no interior de São Paulo, com idade média de 45 anos, onde foram convidadas a participarem de uma entrevista contando da vida pessoal de cada uma.

Como abordagem, FABRRO (2006) utiliza do método qualitativo, histórico-dialética com as contribuições da história oral. Em sua pesquisa, foram estudados autores como Foucault (1984, 1986), Ciampa (1994) e Sarti (1997, 2002).

FABRRO (2006) apontou em suas análises que as professoras entrevistadas se sentiam realizadas com o seu trabalho. Porém, a vida acadêmica acabou influenciando no papel de mãe. Ela afirma que:

[...] o trabalho proporciona realização profissional, manutenção de um padrão da vida familiar e adquire um sentido particular de honra e de afirmação de si como indivíduo. Contudo, mostrou-se também sedutor e escravizador concorrendo, assim com o papel de mãe. Argumentou-se que ocorreu uma cristalização identitária da personagem profissional/provedor, personagem fetichizado pelo estereótipo da “mulher bem-sucedida”, que originou a identidade-mito e a necessidade obrigatória de ser bem sucedida profissionalmente, ser mãe exemplar e de se mostrar forte (FABRRO, 2006, p. IX).

FABRRO (2006) conclui que o trabalho acadêmico pode ser visto como um “inimigo” confrontado com a maternidade, pois ao tornarem-se profissionais, a questão de independência e identidade está presente, e a subordinação à família e aos modelos tradicionais estabelecidos pela sociedade e historicidade, acabam entrando em jogo.

Ao serem afrontadas dos papéis de profissionais, provedoras do lar com o papel de mãe, muitas das professoras pensam em desistir da carreira acadêmica. Segundo FABRRO (2006), elas acabam refletindo sobre essa relação, tendo que lidar com o trabalho, os filhos, e a família (marido/companheiro), concluindo que é preciso mudança.

Pela análise do resumo da tese, constatou-se que apesar do confronto entre a vida acadêmica e a vida do lar, as professoras refletem, porém não desistem dos cargos. Tal fato mostrou que a construção de identidade de gênero, de independência financeira foi mantida, independentemente dos obstáculos a serem ultrapassados.

4.2.1.4. Engenharia, Ciência da computação e as mulheres

A tese “Alunas da Engenharia Elétrica e Ciência da Computação: estudar, inventar, resistir” de Maria Clara Lopes Saboya (2009), tem como objetivo verificar como mulheres, alunas do curso de Engenharia Elétrica e Ciência da Computação, vivem, convivem e constroem sua identidade em sala de aula.

A pesquisa foi realizada em uma universidade na cidade de São Paulo, onde 49 (quarente e nove) alunas, 7 (sete) do curso de Engenharia Elétrica e 42 (quarenta e duas) do curso de Ciência da Computação, participaram de uma entrevista semiestruturada.

Como observação SABOYA (2009) buscou identificar quais eram os empecilhos enfrentados pelas universitárias, e quais são os procedimentos tomados por ela para desconstruírem tais paradigmas.

Após as entrevistas e análise dos dados, SABOYA (2009) constatou que as discriminações em sala de aula para com as meninas são notáveis. Elas sentem-se excluídas, e entende-se que tal fato acontece por serem do sexo feminino, e pelo corpo estrutural dos alunos do curso ser, na maioria das vezes, do sexo masculino.

Outra evidência feita por SABOYA (2009) foi que constantemente as alunas usam de estratégias para manterem-se presentes e ativas nos cursos citados. A autora afirma que:

[...] as táticas utilizadas por elas para conseguir permanecer no curso e enfrentar a discriminação e atitudes preconceituosas de colegas e professores, em geral evitando o embate direto e inventando formas sutis de convivência com as adversidades em sala de aula. (SABOYA, 2009, p. 7).

De fato, os estereótipos estão presentes nas salas de aula dos cursos citados. Ainda entende-se de que as mulheres devem cursar e trabalharem em profissões nomeadas como femininas. A luta dessas mulheres é imprescindível para a conquista de identidade na sociedade. E ela começa ali, em sala de aula, confrontando as adversidades e colocando o seu papel social à mostra.

4.2.1.5. Gênero, mulher e violência escolar

A tese de Paulo Rogério da Conceição Neves (2013), com o título de “Disposições de gênero e violências escolares: entre traições e outras estratégias socializadoras utilizadas por jovens alunas de uma instituição privada do município de São Paulo”, tem como objetivo analisar situações de gênero que envolvia violência, tanto no ambiente familiar quanto na instituição escolar.

Para a pesquisa, NEVES (2013) utiliza do método qualitativo, com base exploratória, onde seus estudos basearam-se nos escritos do Pierre Bourdieu, com foco na identidade de gênero e violências vividas pelas adolescentes da escola.

Foram observados e entrevistados alunos, alunas e representantes de uma instituição privada da cidade de São Paulo. Nessas observações e entrevistadas, foram consideradas questões que envolviam a relação de gênero, principalmente no sexo feminino, as violências

citadas pelas alunas da escola, e como essas relações de gênero podem influenciar em casos violentos, no ambiente dentro e fora da escola.

Após os dados serem recolhidos, NEVES (2013) relatou que a escola e as famílias são responsáveis por parte da criação e incentivo às relações de gênero para com os estudantes da instituição. Essas relações são influenciadas conforme iniciativas são tomadas pelas alunas.

Assim, NEVES (2013) utilizou da traição para conclusões referentes ao gênero e a violência. O autor afirma que situações envolvendo traições por parte das meninas acabam influenciando o ato de violência, pois são alegados os métodos tradicionais e estereótipos em que o sexo feminino é inserido, justificando assim – para muitos – os casos de violência.

Sobre a escola, NEVES (2013) citou que as disposições de gênero e própria violência evidenciada, podem ser amenizadas, como também influenciadas, por parte da gestão da instituição. Ele enfatizou que:

[...] os dados revelam que estas socializações encontram-se imbricadas ao modo pelo qual a gestão escolar intervém sobre a indisciplina e sobre os conflitos oriundos das relações escolares ou outros conflitos externos que nelas teriam influência. Como resultado, por fim, conclui-se que a combinação entre incorporação das disposições de gênero, estratégias para lidar com as violências e a prática propositiva e dialogada da gestão escolar, configura disposições de cultura que contribuem para a baixa frequência de conflitos físicos na escola (NEVES, 2013, p. 11).

NEVES (2013) considerou que apesar dessas atitudes serem tomadas pela instituição escolar, não são o bastante para que situações envolvendo gênero e a violência, principalmente às mulheres, sejam destruídos.

4.2.2. DISSERTAÇÕES: O GÊNERO MULHER E A EDUCAÇÃO

4.2.2.1. Gênero, identidade e EJA

A dissertação de Christiane Evelyn Teixeira Leoncy (2013), com o título de “Mulheres na EJA: questões de identidade e gênero” procurou entender questões de identidade e gênero de mulheres que estudaram no Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Utilizando uma abordagem qualitativa, LEONCY (2013) entrevistou mulheres que frequentaram o EJA em uma escola na cidade de Hortolândia, interior de São Paulo, abordando a história de vida e quais os obstáculos ultrapassados ou enfrentados atualmente.

O foco da pesquisa teve como objetivo identificar quais foram os problemas decorrentes durante o ensino dessas mulheres, bem como os preconceitos e estereótipos presentes na instituição. Para isso LEONCY (2013) buscou compreender o quão presente essas questões estavam na escola, e quais foram às mediações – positivas e negativas – que a instituição teve na construção dessas identidades.

LEONCY (2013) afirmou que a tese buscou compreender de que forma a educação interfere na vida dessas alunas, se questões como essa acabam interferindo na identificação de gênero dessas mulheres, como também aos valores atribuídos pela sociedade, ditos como tradicionais.

A tese analisada de LEONCY (2013) não mostra, em seu resumo, os resultados obtidos ao final da pesquisa. Contudo o autor acima enfatiza sua real intenção e o objetivo que buscou alcançar ao fechar seus estudos: relações e implicações entre o gênero, a identidade e mulheres entorno do ambiente escolar.

4.2.2.2. Violência escolar e o comportamento feminino

A dissertação “Violência escolar e a expectativa de comportamento feminino: percepções de professores/as e diretores/as presentes nos registros de cadernos de ocorrência”, de Ana Beatriz Herminio (2014) faz a análise de como se dão as violências escolares, principalmente no sexo feminino, e como as alunas se portam como este tipo de acontecimento ocorre.

Como abordagem, HERMINIO (2014) utilizou do método qualitativo, tendo como instrumento entrevistas e análise documental. Foram analisados 2 (dois) cadernos de ocorrências da instituição dos anos de 2011 e 2012, do 7º e 9º ano, focando em alunas que registraram acontecimentos de violência física ou moral. Além do documento citado, foram realizadas 14 entrevistas, sendo 4 (quatro) professores e 3 (três) pessoas da direção da primeira escola, e 4 (quatro) professores e 3 (três) pessoas da direção da segunda escola.

Segundo HERMINIO (2014), situações envolvendo gênero e sua sexualidade tem aparecido com bastante frequência nas escolas, e o caderno de ocorrência acaba sendo imprescindível para um melhor entendimento dessas questões. Para ele, as instituições

escolares geralmente diferem os meninos das meninas, e acabam colocando papéis sociais, mesmo que acidentalmente, para os alunos:

[...] a questão do gênero tem aparecido com bastante força no cotidiano escolar seja pela questão curricular que mantém padrões sociais diferenciando meninos de meninas seja nas expectativas de papéis e dos modos como a instituição escolar espera que eles se portem (HERMINIO, 2014, p. 6).

A pesquisa de HERMINIO (2014), por fim, teve como objetivo identificar as violências ocorridas dentro do contexto escolar, onde as vítimas são as alunas, e através da compreensão do caderno de ocorrências, apontar o comportamento dessas meninas e as relações de gênero envolvidas nessas violências.

4.2.2.3. Gênero, conflito e violência na escola

A dissertação de Paulo Rogério da Conceição Neves (2008), com o título de “As meninas de agora estão piores que os meninos: gênero, conflito e violência na escola”, buscou compreender violências praticadas no contexto escolar por meninas.

Para coleta de dados, NEVES (2008) utilizou da abordagem qualitativa, fazendo entrevistas semiestruturadas, observações na escola, assim como questionários e reuniões para debates. Além disso, NEVES (2008) teve como base teórica os estudos de Hannad Arendt, com foco na educação e violência, Joan Scott, nos conceitos de gênero, e outras contribuições acerca da violência no Brasil desde 1980. As entrevistas foram realizadas em uma escola na cidade de São Paulo, no ano de 2006. Para a realização da tal, foram imprescindíveis a participação de toda a gestão da instituição, bem como os professores, funcionários e alunos.

Segundo NEVES (2008), casos de violências por garotas acontecem devido a forte influência familiar. De acordo com o autor acima, as meninas acabam praticando tal ato com a intenção de manterem o respeito, ordem e resgatar a questão de identidade de gênero, que afirmam que as mulheres devem ser mais frágeis, impedindo-as assim de praticarem atividades consideradas do sexo masculino.

Foi constatado, por fim, que os casos de violência dentro do ambiente escolar, em raras vezes envolveram os garotos da escola, afirmando, conforme NEVES (2008), outros motivos para tais atentados terem ocorridos:

[...] foi constatado que a) as agressões praticadas pelas jovens dentro do ambiente escolar desafiam a tarefa histórica da escola – educar os/as mais novos/as para a vida em sociedade –, b) resistem aos estereótipos de gênero – responsáveis por defini-las como “frágeis” e “indefesas”, além de mais “pacíficas” que os rapazes – e, ao mesmo tempo, c) reproduzem parte desses estereótipos que compõem a hegemonia masculina: aquela que divulga ser a violência a melhor forma de solução de conflito (NEVES, 2008, p. 11).

As questões de gênero apareceram nitidamente nos eventos de violência praticado pelas meninas da escola. Para desconstruírem estereótipos e preconceitos colocados pela sociedade, as mesmas decidem cometer atos que são considerados do gênero masculino, tentando afirmar assim sua identidade e independência.

4.2.2.4. Mulher, qualidade de vida e docência

A dissertação de Eva Susana Soares de Oliveira (2012), intitulada como “Qualidade de vida das mulheres de carreira docente” buscou compreender como mulheres, professoras, lidam com seu desempenho profissional, alinhado com as questões de gênero, a desvalorização do mercado e com a sua vida fora do ambiente de trabalho: a mulher do lar, com dupla jornada.

Como método, OLIVEIRA (2012) se baseia em uma abordagem qualitativa. Para elaboração da pesquisa, a autora busca observar e entrevistar mulheres que estão na carreira docente há pelo menos 20 (vinte) anos. As observações e entrevistas ocorreram em 2011, em duas escolas – uma pública e uma particular – no interior de São Paulo, Franca.

Após a análise dos dados, OLIVEIRA (2012) propôs várias soluções para que a carreira docente não seja desvalorizada – mais do que já é – e que, assim, as mulheres não desanimem ou acabem desistindo de tal cargo. Alternativas como salários justos, a autonomia do professor para que consiga se expressar no ambiente escolar, e a melhora nos ensinamentos da universidade, utilizando um pouco mais da prática nas aulas dadas – foram citadas por OLIVEIRA (2012).

De acordo com OLIVEIRA (2012), muitos foram os fatos que levaram as docentes a desanimarem e pensarem em desistir, dentre eles:

[...] é provedora do lar; sofre com o mal-estar docente, o *burnout*, os baixos salários, a culpabilização e autoculpabilização, a desvalorização da profissão; usa o tempo livre de que dispõe na realização de tarefas escolares; vê na profissão uma “missão” e declara que gostaria de ser “Deus”,

possivelmente para acabar com a lacuna entre o desejo de fazer e a sua impossibilidade (OLIVEIRA, 2012, p. 5).

Nota-se que apesar da enorme desvalorização e muitas vezes, pensarem em desistir, as professoras dizem amar o que fazem e pretendem continuar até o final de suas carreiras.

Quanto aos acontecimentos que defasaram a carreira, a questão de gênero está presente, quando OLIVEIRA (2012) citou que as mulheres docentes são provedoras do lar. Entende-se pelo termo que as mulheres acabam enfrentando várias jornadas: trabalhar, muitas vezes, em tempo integral, cuidar dos filhos, da casa – cozinhar, cozer, lavar, passar –, manter-se sempre com o físico agradável para o marido, e, estar sempre disposta.

4.2.2.5. EJA, escolarização e palavras de mulheres

A dissertação “Educação de jovens e adultos: palavras de mulheres a respeito do processo de escolarização”, de Carolina Rodrigues Manzato (2007) têm como objetivo analisar o desenvolvimento escolar de mulheres que frequentam o Programa Municipal de Educação de Jovens e Adultos – EJA –, mostrando fatores sociais e de gênero envolvidos nesse contexto.

MANZATO (2007) utilizou como método uma abordagem qualitativa, onde estuda autores teóricos que se baseiam na história de vida de mulheres, como Paulo Freire, Sérgio Haddad, Ana Maria Freire e Cláudia Viana. Como categorização e conclusão dos estudos, MANZATO (2007) fundamentou-se na teoria freireana.

As observações ocorreram em uma escola de EJA, na cidade de São José do Rio Preto, no estado de São Paulo, e para análise dos dados, a autora entrevistou 6 (seis) mulheres educandas, com idade entre 41 e 58 anos.

Foram citados no decorrer do resumo, objetivos específicos que MANZATO (2007) esperou alcançar ao final da dissertação, dentre eles:

[...] Conhecer as primeiras experiências escolares dessas mulheres, visando identificar os fatores responsáveis pela interrupção (ou negação) do processo de aprendizado escolar, e suas implicações na presente busca pelo reingresso à escola; conhecer as razões que fazem com que as mulheres não/pouco escolarizadas busquem a (re)integração no processo escolar; identificar que tipos de aprendizado a escola lhes tem proporcionado, e averiguar se esses já tiveram implicações na vida prática dessas mulheres; descobrir se há ou não satisfação, por parte dessas mulheres (caso o processo de escolarização tenha

propiciado mudanças em suas vidas), em relação ao que elas têm notado a esse respeito (MANZATO, 2007, p. 7).

Conclui-se, enfim, segundo MANZATO (2007), que apesar dos estereótipos impostos pela sociedade, à desvalorização e falta de reconhecimento, essas mulheres e não desistiram e continuando pelejando, buscando identidade e lutando para igualdade de direitos que foram contestados pela história e sociedade.

5. RESULTADOS E CONCLUSÕES

A pesquisa procurou entender como o gênero – mulher – estava inserido no estado de São Paulo, se questões como estereótipos, discriminação misoginia, violência e preconceitos ainda ocorriam, e como o estado se portou diante de tais fatos, analisando assim, caso a caso, em resumos de teses e dissertações. Ao todo, foram analisadas 10 (dez) teses e 10 (dez) dissertações, que configuraram os temas: o gênero – mulher – e sua identidade e o gênero – mulher – e a educação.

Para análise dos resultados, foi preciso compreender algumas questões referentes ao assunto estudado, para que as seguintes questões auxiliassem no desenvolvimento dos estudos e suas conclusões. Por isso, nesse momento, é essencial retornar a esses questionamentos: O tema gênero – mulher – é frequentemente discutido no estado de São Paulo? Como o estado se comporta diante de acontecimentos envolvendo o gênero? Como o assunto é abordado nas teses e dissertações analisadas?

Durante a coleta de dados no “banco de teses” da CAPES, deparei-me com teses e dissertações que discutiam em seu contexto temáticas envolvendo o gênero – mulher – e sua identidade. Decidiu-se por estudá-las, pois poderia ser feito um contraponto e esclarecer dúvidas que estavam pertinentes. Após isso, as teses e dissertações foram constituídas e divididas em dois grupos: resumos de teses e dissertações que, em todo o seu conteúdo trabalharam com a identidade da mulher e, o outro grupo, que fez uma relação da mulher e o campo educacional.

A leitura do primeiro grupo de teses e dissertações – que estudaram relações pertinentes à mulher e sua identidade –, permitiu compreender situações envolvendo a mulher e sua identidade, e como o estado de São Paula se porta diante de tais questões. Ao todo, foram analisadas 5 (cinco) teses e 5 (cinco) dissertações referentes a esse primeiro grupo. Em contexto geral, o grupo analisado mostrou a sexualidade da mulher, a conquista da identidade no lar, como no trabalho, a maternidade e o gênero.

A maior parte das teses e dissertações chamou a atenção para a inserção da mulher no campo profissional e quais são os obstáculos enfrentados no dia a dia. Outras buscaram enfatizar a identidade da mulher, em como esses espaços foram construídos no lar, em hospitais e em sua maternidade.

O segundo grupo de teses e dissertações – as que estudaram temas relacionando a mulher e a educação –, foi possível verificar momentos que situaram a mulher e o campo

educacional no estado de São Paulo. Ao todo, assim como o primeiro grupo, foram estudadas 5 (teses) e 5 (dissertações). Resumidamente, este segundo grupo buscou encontrar relações entre a mulher e a educação. A mulher como professora, bem como a construção de gênero dentro das instituições escolares e universidades foram os temas mais encontrados neste grupo.

O método utilizado e realizado nesse estudo permitiu pensar sobre todo o percurso e enfrentamentos da mulher, para conseguir alcançar um lugar perante a sociedade, na conquista de sua identidade e quebrando estereótipos. Para isso, vale ressaltar que somente no século XIX – como foi citado no capítulo “O Gênero mulher: da antiguidade a escolarização” – foram aparecer os primeiros movimentos das mulheres, assim conquistando pequenos espaços no país.

As teses e dissertações, pensando na identidade da mulher, permitiu refletir quais são os avanços e retrocessos acontecidos nos últimos dez anos, visando às conquistas alcançadas até o presente momento. Contudo, as outras pesquisas, visando à mulher e a educação, permitiu a compreensão dessas conquistas de identidade, porém refletidas no campo educacional do estado de São Paulo. Portanto, pensando das categorizações feitas, foi possível uma melhor análise dos dados e entendimento dos fatos.

A leitura das teses dissertações identificou que foram utilizadas várias abordagens metodológicas. Porém, na grande maioria, o método qualitativo foi utilizado, e como apoio, foram realizadas leituras de grandes teóricos pertinentes ao tema da pesquisa e outras ferramentas para dar desenvolvimento ao trabalho, como observações, a fim de conhecer os integrantes da pesquisa realizada. Para tanto, foram realizados registros de campo e entrevistas. Estas, por sua vez, tiveram o objetivo de caracterizar os participantes da pesquisa.

A maioria das teses e dissertações é de autoria feminina. Apenas 4 (três) das pesquisas estudadas são de autoria masculina: SOUZA (2014), NEVES (2013), ANGELIN (2012) e NEVES (2008). De fato, pode-se constatar, que estudos de gênero, principalmente no que tange a mulher, são realizados, na maioria das vezes, pelo sexo feminino. Tal comprovação pode ser confirmada por Rosemberg (1993), que afirma que a presença de mulheres que foram educadas em áreas de humanas foi decisiva na formação de pesquisas relacionadas à mulher.

Quanto às instituições envolvidas nas pesquisas, pode-se verificar que, em grande maioria, as teses e dissertações pertencem a UNICAMP ou USP.

Ao relacionar o gênero com a educação, muitos autores afirmam que a desigualdade e estereótipos estão voltados a cultura, bem como algo natural, já que a educação se forma de acordo com o sexo do indivíduo. A tese de SABOYA (2009) faz referência aos cursos de computação e engenharia elétrica na universidade. SABOYA (2009) afirma que, durante o curso, as meninas tendem a passar por preconceitos e lutam para se inserir no ambiente acadêmico o curso. Isto porque, de acordo com a sociedade, cursos como estes são considerados de sexo masculino, assim como os trabalhos braçais, traçando o julgamento das mulheres como frágeis.

Porém, para outros autores estudados, a educação pode ser o caminho para mudanças, desconstruindo estereótipos. Na dissertação de MODESTO (2013), ela faz referência à construção de gênero em um centro de saúde à mulher. A dissertação caracterizou-se no primeiro grupo – mulher e sua identidade –, contudo conceitos educacionais estão presentes em toda a pesquisa. De acordo com MODESTO (2013), funcionários do centro incentivam as mulheres a construírem o seu papel perante a sociedade. Para isso, abrem rodas de conversas com as pacientes e buscam responder questões convenientes ao tema.

Sobre o gênero – mulher – e a inserção no mercado de trabalho, percebeu-se que há muito a se conquistar. Mulheres citadas em algumas teses e dissertações afirmam que as construções da identidade no ambiente profissional, principalmente os considerados de sexo masculino, são árduas de serem feitas. Isto porque questões como estereótipos e preconceitos estão fortemente presentes em ambientes como esse. Outro destaque é a dupla, tripla jornada que as mulheres enfrentam quando trabalham. Na tese de FABRRO (2006) é enfatizada a questão da carreira acadêmica, maternidade e lar. Muitas das mulheres entrevistadas na tese afirmaram que o cansaço as consome, e que, por muitas vezes, pensaram em desistir, mas ressaltam que a função de formar um indivíduo é gratificante.

Quanto à violência de gênero, esta também é constantemente presente no estado de São Paulo. Algumas teses e dissertações afirmam que tais violências ocorrem no ambiente profissional, familiar e educacional. Vale ressaltar que sendo verbais ou físicas ambas são violências. Entretanto, a dissertação de NEVES (2008) traz ocorrências de violências praticadas por meninas, no ambiente escolar. NEVES (2008) afirmou que os vandalismos ocorreram, por muitas vezes, para provar-se que as meninas não eram o sexo frágil, buscando assim sua identidade na escola. Porém, apesar de focar na construção de identidade e conquista de espaço na sociedade, o título da dissertação trouxe um aspecto estereotipado: “As meninas de agora estão piores que os meninos: gênero, conflito e violência na escola”.

NEVES (2008) intitulou as meninas como piores que os meninos. Por que as meninas precisam ser mais “calmas”, mais frágeis que os meninos? Considerando que a dissertação foi escrita por um homem, estereótipos estão presentes no autor.

O gênero – mulher –, compreendendo de forma geral as teses e dissertações estudadas, é visto para a sociedade como uma construção social, e está vai se alastrando por todos os ambientes, ora profissional, ora familiar, ora educacional. Isso faz com que as mulheres fiquem presas a papéis sociais ditos como do sexo feminino, indicando-as como devem agir. Algumas dessas mulheres acabam cedendo a esses papéis e não buscam sua identidade. Outras, porém desmitificam estereótipos e enfrentam a sociedade.

Foi possível notar que, apesar das teses e dissertações estarem, na maioria das vezes, preocupadas com a questão do gênero – mulher –, com as discriminações e estereótipos ocorridos, muitos dos autores não busca, através da análise do resumo, uma possível solução para tais conflitos. Era preciso pensar em algumas questões para levantar apontamentos e discussões diante da pesquisa – tese ou dissertação – estudada: Por que a sociedade não pensa o gênero – mulher – em outras linhas? Porque é um conceito tão rígido e preconceituoso? Quais são as possíveis soluções para acabar com esses estereótipos?

Apesar das poucas saídas dadas pelos autores, pode-se afirmar que os estudos das teses e dissertações foram de grande valia para este estudo. O número de teses e dissertações apresentadas – 20 (vinte) – mostram uma enorme vontade de reconhecimento do gênero – mulher – não só na área educacional, como na sociedade em geral.

Por sua vez, o que falta são pesquisas que possam proliferar a partir do tema estudado, bem como resultados e novas possibilidades de avanços, de visibilidade a mulher.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como o estado de São Paulo lida com questões envolvendo o gênero – mulher – em situações no contexto escolar, bem como no dia a dia, em lares, com parceiros sexuais, no campo profissional.

Após a análise e os resultados obtidos diante das 20 (vinte) teses e dissertações estudadas, notou-se frequentemente situações caracterizando o gênero feminino, como estereótipos e preconceitos, bem como a construção da identidade da mulher.

Casos como a desvalorização do trabalho feminino, a violência e os valores atribuídos às mulheres, ainda estão presentes atualmente na sociedade. Constatou-se que a produtividade e o trabalho substituto são ocupados pelo sexo feminino, e caso ocupem cargos de liderança, os salários são, na maioria das vezes, inferiores comparando-os aos do sexo masculino.

Quanto às situações envolvendo violência de gênero, com base nos resumos das teses e dissertações estudadas, percebeu-se que vandalismos como estes ocorrem devido ao posicionamento da mulher perante a sociedade. Mulheres que se impõem e desmitificam conceitos colocados historicamente – como à dedicação exclusiva ao lar e ao marido –, acabam sendo vítimas de violência moral e física, ora no ambiente escolar, ora no profissional, ora nas famílias.

Em casos específicos da mulher e o lar, as mulheres assumem diversas funções: mãe, mulher, cuidadora do lar e provedora de parte/total do sustento da casa. Acabam assim tendo uma jornada dupla/tripla, onde descansam menos que 8 (oito) horas por dia, assumem responsabilidade ligadas à maternidade, cuidar do marido, não esquecendo-se de si mesma, já que sua sexualidade e beleza são de extrema importância para a “valorização” e atributos colocados pela sociedade.

Na educação, focando no elemento principal do trabalho, em papéis como o de professora e aluna, casos de preconceito de gênero também estão presentes. Alunas são prejudicadas, e muitas vezes não conseguem alcançar o sucesso escolar e acabam desistindo os estudos, voltando, quando necessário, para o EJA. Professoras possuem dificuldades em lidar com o lado profissional, materno e pessoal, já que tais funções assumem total responsabilidade feminina.

Questões visando à conquista de identidade de gênero, assim como estereótipos e preconceitos, são vistos constantemente no ambiente escolar. Mulheres buscam alcançar conquistas, antes não possíveis, no ambiente escolar. Para isso, deparam-se com situações que

as colocam como o sexo frágil – como nos casos de violência escolar praticadas por garotas –, ou de cursos na educação titulados como masculino – engenharia elétrica e ciência da computação –, pois ou necessitam de um trabalho braçal, ou são considerados como de “QI” elevado para o gênero feminino. De acordo com as teses e dissertações analisadas, casos como estes vão desde a inserção em lugares considerados como masculinos, mas também em momentos que as alunas precisam desconstruir falas de valor preconceituoso ditos por professores, alunos e funcionários na área da educação.

O que se observou é que aconteceram várias mudanças no que diz respeito à inclusão das mulheres em ambientes ditos como do sexo masculino, mas ainda há muito que buscar, fazer, transformar. Diversas foram às conquistas, tanto do lado histórico cultural, eliminando estereótipos, quanto no lado profissional, político e educacional.

Porém, ainda é latente a desigualdade de valores quanto aos papéis das mulheres diante da sociedade, principalmente com foco educacional, e o estado de São Paulo não se diferencia de tais quesitos. Algumas atitudes devem ser tomadas quando a inclusão das mulheres na educação. Casos de violência de gênero no ambiente escolar precisam ser destruídos, assim como precisam ser valorizados os direitos das mulheres, enfatizados e colocados em prática.

Quanto às teses e dissertações, algumas mudanças devem ser tomadas quanto às soluções para casos referentes ao tema, para que esses estereótipos, violência, possam ser extintos e que o empoderamento venha no sentido de equidade e igualdade de gênero, por meio de políticas públicas em defesa e dos direitos da mulher.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasil Cultural / Brasiliense, 1983.

BRUSCHINI, Cristina. **Mulher, casa e família: Cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

DINIZ, Daniela. **A escolha de Sofia**. Revista Exame: Editora Abril, ano 36, n. 11, edição 767, 2002.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Estud. Av., vol. 17, n. 49. São Paulo, 2003.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**. Brasil, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2015

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**. Brasil, 2014. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2014/default.shtm>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

GOMES, Munich. **Trabalho doméstico precoce**. 64 f. Tese (Pós-Graduação em psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2000.

HAHNER, June. **A mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850 – 1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MILES, Rosalind. **A história do mundo pela mulher**. Trad. Bárbara Heliondora – Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda: Casa-Maria Editorial, 1989.

OLIVEIRA, Silvério da Costa. **Sexo, sexualidade e sociedade**. Edição 7. Ed. Irradiação Cultural, 2013.

ROSEMBERG, F. **Subordinação de gênero e alfabetização no Brasil**. Idéias, n. 19. São Paulo, p. 125-147, 1993.

ANEXO A

TÍTULOS DAS TESES E DISSERTAÇÕES QUE FIZERAM PARTE DA AMOSTRA:

ANDRADE, Maria Celeste de Moura. **Escola e Gênero: produção de meninas e mulheres cidadãos?**. Tese (Doutorado em Educação. Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2010.

ANGELIN, Paulo Eduardo. **Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares**. Tese (Doutorado em Sociologia. Área de concentração: Sociologia). Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP. 2012.

BRIGUGLIO, Bianca. **De casa para o trabalho, do trabalho para casa: trajetórias de emprego e desemprego de mulheres na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Ciências Sociais na Educação). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2013.

FABRRO, Márcia Regina Cangiani. **Mulher e trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade**. Tese (Doutorado em Educação. Área de concentração: Políticas de Educação e Sistemas Educativos). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2006.

FAVARO, Carla Sabrina. **Entre o prover, o trabalhar e o cuidar: a participação das mulheres unidas no provimento doméstico e seus reflexos na organização familiar**. Tese (Doutorado em Demografia. Área de concentração: Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2013.

HERMINIO, Ana Beatriz. **Violência escolar e a expectativa de comportamento feminino: percepções de professores/as e diretores/as presentes nos registros de cadernos de ocorrência**. Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Educação e violência). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP. 2014.

LEONCY, Christiane Evelyn Teixeira. **Mulheres na EJA: questões de identidade e gênero.** Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Políticas, Administração e Sistemas Educacionais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2013.

MANZATO, Carolina Rodrigues. **Educação de jovens e adultos: palavras de mulheres a respeito do processo de escolarização.** Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP. 2007.

MODESTO, Ângela Esteves. **Concepções de gênero em um centro de atendimento à saúde da mulher.** Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Psicologia e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP. 2013.

NEVES, Paulo Rogério da Conceição. **Disposições de gênero e violências escolares: entre traições e outras estratégias socializadoras utilizadas por jovens alunas de uma instituição privada do município de São Paulo.** Tese (Doutorado em Educação. Área de concentração: Estado, Sociedade e Educação). Faculdade de Educação da Universidade 2013.

NEVES, Paulo Rogério da Conceição. **As meninas de agora estão piores que os meninos: gênero, conflito e violência na escola.** Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Estado, Sociedade e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP. 2008.

NICOLINO, Aline da Silva. **Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino: pesquisa-ação na educação com escolares.** Tese (Doutorado em Enfermagem. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP. 2007.

OGIDO, Rosalina. **Adolescência, maternidade e mercado de trabalho: uma relação em construção.** Tese (Doutorado em Saúde Pública. Área de concentração: Saúde, ciclos de vida e sociedade). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP. 2011.

OLIVEIRA, Arlete dos Santos. **Mulheres negras e Educadoras: de amas-de-leite a professoras.** Um estudo sobre a construção de identidades de mulheres negras na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: História da Educação e Historiografia). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP. 2009.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista. **Sexualidade, maternidade e gênero: experiências de socialização de mulheres jovens de estratos populares.** Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Sociologia da Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP. 2007.

OLIVEIRA, Eva Susana Soares. **Qualidade de vida das mulheres de carreira docente.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social. Área de concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista, Franca/SP. 2012.

SABOYA, Maria Clara Lopes. **Alunas da Engenharia Elétrica e Ciência da Computação: estudar, inventar, resistir.** Tese (Doutorado em Educação. Área de concentração: Sociologia da Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP. 2009.

SILVEIRA, Maria Natália Barboza. **As delegadas de polícia de São Paulo: profissão e gênero.** Dissertação (Mestrado em Sociologia. Área de concentração: Sociologia e Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP. 2009.

SILVEIRA, Nereida Salette Paulo. **Mulheres Gerentes: Construindo as Identidades de Gênero no Trabalho.** Tese (Doutorado em Administração de Empresas. Área de concentração: Administração). Universidade Presbiteriana Mackenzie, Campinas/SP. 2010

SOUZA, Marcos Santana. **“Sou policial, mas sou mulher”: gênero e representações sociais na polícia militar de São Paulo.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais. Área de concentração: Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 2014.